JUSSIANI MARQUEZOTTI RAMOS

PEDAGOGIA CULTURAL NAS NOTÍCIAS SOBRE A RIO+20

FLORIANÓPOLIS
2013

JUSSIANI MARQUEZOTTI RAMOS

PEDAGOGIA CULTURAL NAS NOTÍCIAS SOBRE A RIO+20

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.
Orientadora: Gabriele Nigra Salgado

FLORIANÓPOLIS
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ramos, Jussiani Marquezotti.
PEDAGOGIA CULTURAL NAS NOTÍCIAS SOBRE A RIO+20/Jussiani Marquezotti Ramos ; orientadora, Gabriele Nigra Salgado - Florianópolis, SC, 2013.
65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de CiênciasBiológicas. Graduação em Ciências Biológicas.

Inclui referências

1. Ciências Biológicas. 2. Meio ambiente. 3. Jornal Impresso. 4. Pedagogia cultural. 5. Educação ambiental. I.Salgado,Gabriele Nigra. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

PEDAGOGIA CULTURAL NAS NOTÍCIAS SOBRE A RIO+20

por

Jussiani Marquezotti Ramos

Trabalho julgado e aprovado em sua forma final pelos membros da Banca Examinadora, composta pelos professores:

Banca Examinadora:

_____
Prof. Gabriele Nigra Salgado
(Orientador/CCB/UFSC)

_____
Prof(a). Dr(a). Mariana Brasil Ramos
(Centro de Ciências da Educação/UFSC)

_____
Prof(a). Dr(a). Ana Maria Hoepers Preve
(Centro de Ciência Humanas e da Educação/UDESC)

_____
Prof(a). Dra(a). Maria Marcia Imenes Ishida
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas,
modalidade à distância.

Florianópolis, 29 de junho de 2013.

Dedico este trabalho aos meus pais,José Ramos e Maria M. Marquezotti Ramos porque os amo muito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus;

Agradeço aos meus pais que muito me apóiam nos estudos e na caminhada da vida;

Agradeço minhas irmãs Juliana e Cintia pela atenção e companheirismo;

Agradeço a minha orientadora Gabriele Nigra Salgado, pela atenção, pela paciência e por ter olhado com carinho para este trabalho;

Agradeço ao Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães por ter me acolhido no grupo de estudos: tecendo estudos culturais e educação ambiental. Obrigada por ter disponibilizado os jornais, livros e artigos que tornaram possível a edificação desta pesquisa.

Agradeço a todos os professores e pessoas que tornaram possível a existência do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na modalidade à distância. Obrigada por acreditarem que nós estudantes mesmo estando ausentes do cotidiano da universidade conseguiríamos transpor a longitude efetivando a aprendizagem.

Agradeço as minhas amigas e colegas de grupo: Ana Paula, Renata e Michele que foram essenciais nestes anos de graduação. Obrigada por todo incentivo, força e coragem que vocês me transmitiram. Michele, obrigada por me abrigar em sua casa, por ser uma irmã pra mim;

Agradeço a todos os colegas de curso, pelos bons momentos que passamos juntos. Obrigada pela presença, por todas as risadas e todo o apoio.

Obrigada!!!

“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.”

(Rubem Alves)

RESUMO

Este trabalho dedica-se a analisar as pedagogias culturais presentes nos discursos da primeira página de oito cadernos publicados pelo jornal O Estado de S. Paulo, nos dias 17 à 24 de Junho de 2012, cujas notícias, foram direcionadas à conferência convocada pela Organização das Nações Unidas, intitulada Rio+20. A metodologia das análises assume a perspectiva dos estudos culturais, no qual a cultura exerce um papel central nas ações e entendimentos sobre o meio ambiente. As análises e apontamentos aqui apresentados não pretenderam ficar condicionados pelas páginas do jornal. Aspirou-se representar o movimento da própria existência humana em sua busca pela superação dos problemas socioambientais.

Palavras Chave: Educação Ambiental; Rio+20; Pedagogias Culturais.

ABSTRACT

This work is dedicated to analyze the cultural pedagogies present in the discourse of the first page of eight booklets published by the State of S. Paulo, on days 17 to 24 June 2012, whose news, were directed to the conference convened by the United Nations Organization, entitled Rio+20. The methodology of analysis assumes the perspective of cultural studies, in which culture plays a central role in the actions and understandings about the environment. The analysis and notes presented here did not intend to stay condicionas through the pages of newspapers. Was aspirated represent the movement of human existence itself in its search for the overrun of the socioenvironmental problems.

Key Words: Environmental Education; Rio+20; Cultural pedagogies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 17/06/2012 34
Figura 2- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 18/06/2012 37
Figura 3- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 19/06/2012 40
Figura 4- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 20/06/2012 43
Figura 5- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 21/06/2012 46
Figura 6- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 22/06/2012 49
Figura 7- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 23/06/2012 52
Figura 8- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 24/06/2012 55

Sumário

1 Introdução 21

2 Objetivos 24

2.1 Objetivo Geral 24

2.2 Objetivos Específicos 24

3 **Rio+20 e o Contexto Histórico** 25

4 **Materiais e Métodos** 30

4.1 Referencial Metodologico 30

4.2 Técnica de Pesquisa 32

5 Resultados e Comentários 33

6 Discussão e Conclusão 58

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade de conhecimento, na qual a comunicação midiática participa do nosso cotidiano e permite que exista a interação com o ambiente ao mesmo tempo em que ocorre a aprendizagem sobre os significados que se colam a ele. Nesse processo de interação e aprendizagem, a cultura exerce um papel central nas negociações dos significados, os quais participam da construção de nossas identidades sociais (HALL, 1997). Estas identidades sociais são produzidas historicamente em meio a diversas práticas culturais que dialogam conosco imprimindo significações, por exemplo, sobre o ambiente. Stuart Hall (2011) aponta que a identidade social, assim como a sociedade dos tempos atuais, se encontra em um processo de descentralização devido ao advento da globalização, que promove a interconexão entre diferentes áreas do globo, resultando num encurtamento de distâncias e consequente multiplicação de significações e representações, que impactam no nosso processo de identificação tornando-o mais flexível, provisório e variável. "A identidade torna-se uma "celebração móvel" formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 2011, p. 13):

> Com isso, vemos que é na cultura, nesse espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que vamos aprendendo a lidar com a natureza e, também, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo, ou seja, sabendo quem nós nos tornamos dia a dia. (GUIMARÃES, 2008, p. 88).

A partir dessas compreensões, podemos entender a cultura como um sistema de significados compartilhados. Dentro desse sistema, a difusão das diferentes representações culturais ocorre também por intermédio da cultura midiática.

> Através das relações que vamos estabelecendo com os diferentes produtos da mídia, com as tecnologias de comunicação e informação, vamos conectando ao nosso cotidiano pessoas aparentemente distantes, lugares que nunca efetivamente pisamos, fatos que nunca imaginamos que pudessem incorporar-se às nossas preocupações 'locais', 'subjetivas', familiares. (GUIMARÃES e SOUZA, 2009, p.19).

Compartilhando desta concepção, a cultura midiática nos conecta a realidades fisicamente distantes, nas quais nos posicionamos como receptores e transmissores de diversos sistemas de símbolos, os quais podem ser traduzidos e incorporados às nossas conversas e à nossa produção de sentido aos acontecimentos do cotidiano. O relacionamento que estabelecemos com os diferentes artefatos da mídia é cultural por produzir e reproduzir significados, ao mesmo tempo em que é pedagógico por nos ensinar modos de entender, ser e estar na natureza:

> [...] formar, ensinar, orientar são ações que transbordam de seus lugares tradicionais, sendo assumidas explicitamente pelos *media*, através de uma infinidade de modalidades enunciativas, cuja característica principal é a publicação de fatos, pessoas, sentimentos, comportamentos. (FISCHER, 1996, p. 282).

Dentre as diversas pedagogias culturais existentes em nosso tempo, este estudo situa-se na mídia impressa, a qual é uma prática cultural e histórica, ao mesmo tempo em que é um dos principais meios da comunicação de massas, especializado em fundir informação, entretenimento e negócios, etc...

> Uma característica importante em relação à mídia impressa e *on-line*, é que estes meios de comunicação são destinados a um perfil muito amplo de pessoas em diversos encartes específicos, sejam eles sobre economia, política, sociedade, meio ambiente, entre outros. (NETO, 2008 p.13).

As notícias sobre o meio ambiente são produzidas junto às notícias de outras áreas de interesse e comunicam significações a um amplo grupo de sujeitos. “A evolução nos processos de comunicação, proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico, é um dos fatores responsáveis por uma nova etapa no relacionamento do homem com o meio ambiente” (RAMOS 1995, p. 13). Entretanto, a questão ambiental é tratada muitas vezes de forma fragmentada, reduzida a expressões isoladas que caracterizam o meio ambiente como algo distante de nosso cotidiano urbano, como coisa do mato, reduzido a fauna e a flora. Outras vezes, é noticiado através de discursos científicos naturalizados que não levam em consideração as controvérsias existentes no meio acadêmico. E quando o jornal consegue articular diversos aspectos da temática ambiental, alcançado um padrão de publicação homogêneo de vivências

e controvérsias que problematizam ações, hábitos, idéias, códigos, etc. quem lê tanta notícia? "É essa avalanche de informações que perturba nossa capacidade de discernir e entender a complexidade do mundo moderno com um olhar sobre aquilo que é essencial" (TRIGUEIRO, 2003, p. 80).

Desta forma, este estudo propõe-se a analisar os modos com que o jornal *O Estado de S. Paulo* veiculou representações de meio ambiente durante a Rio+20. A pergunta que nos impulsiona é: como o meio ambiente foi ensinado nessas narrativas e imagens?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral é investigar os modos de publicação e explorar os princípios pedagógicos que constituem as notícias sobre a Rio+20, publicadas no jornal O Estado de S. Paulo, no período de 17 a 24 de junho de 2012.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o conteúdo das notícias, evidência, freqüência de assuntos nas manchetes e chamadas da primeira página e a maneira como o assunto é noticiado;
- Estabelecer relações entre as imagens e o texto escrito;
- Identificar o posicionamento e perspectivas noticiadas, bem como as vozes que foram representadas.

3 RIO+20 E O CONTEXTO HISTÓRICO

A *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, conhecida como Rio+20, aconteceu em um cenário permeado por interesses econômicos, políticos e sociais, que reuniu pessoas do mundo inteiro.

Para entendermos o que significou esse evento, vamos iniciar considerando que a temática ambiental nem sempre teve espaço na agenda política internacional. Esse espaço foi sendo conquistado através da disseminação de ideias de grupos de pessoas interessadas em superar os problemas socioambientais. Guimarães (2008) menciona que os movimentos ecológicos emergiram junto aos movimentos de contracultura dos anos de 1960 e 1970, onde sujeitos distintos em seus propósitos, interesses e perspectivas, aglutinaram em torno dos movimentos ecológicos "o ideário contestador dos modos de vida das sociedades capitalistas" (GUIMARÃES 2008). Tais movimentos anunciavam ser o modelo econômico herdado da revolução industrial a causa principal dos problemas ambientais. Nesse contexto de lutas, a temática ambiental começou a ser articulada a ações políticas, dando início a uma ação educativa não formal. "Com isso, podemos vislumbrar que um educativo-ambiental não começa a se delinear no cenário das sociedades, somente por iniciativas oficiais materializadas em conferências e documentos internacionais." (GUIMARÃES 2008, p. 12).

Em 1972, na cidade de Estocolmo - Suécia, *a* problemática ambiental foi oficializada na *Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano.* A declaração elaborada durante o evento indicava, entre outras ações, "a necessidade de se realizar a educação ambiental tendo em vista a participação dos cidadãos na solução dos problemas ambientais" (REIGOTA 1995, p. 9). Vinte anos mais tarde, na cidade do Rio de Janeiro, foi realizada a *Conferência das Nações Unidas para meio Ambiente e Desenvolvimento,* chamada também de ECO – 92. Esta foi "a primeira conferência das Nações Unidas na qual a sociedade civil (cidadãos e cidadãs do mundo) puderam participar" (REIGOTA 2009, p. 25). Esta participação aconteceu através da organização do *Fórum das organizações não governamentais (ONGs) e dos movimentos sociais brasileiros*, que realizou um evento chamado de Cúpula dos Povos, em paralelo ao oficial. Dentre as propostas e acordos produzidos na ECO-92, o documento mais trabalhado depois da Conferência foi a *agenda 21*, um programa que destacou a necessidade de comprometimento de

todos os países em refletir e estudar soluções para os problemas ambientais globais, através de ações locais.

Em 2002, na cidade de Johannesburgo, na África do Sul, realizou-se a *Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável*. Esta Conferência ficou conhecida como Rio+10 e deu visibilidade à população da África do Sul, expondo ao mundo "(...) as mazelas em que vivem, como as inúmeras guerras civis, o imenso número de pessoas contaminadas com HIV, a poluição da água e do ar, o analfabetismo e a pobreza extrema de grande parte da população" (REIGOTA 2009, p. 26). Um dos documentos elaborados durante a conferência foi o *Plano de Johannesburgo*, onde estão registradas metas e planos de ação para a implementação dos compromissos assumidos em 92. Desde então, as transformações no pensamento, produção, institucionalização e divulgação de práticas e saberes sobre o meio ambiente, continuam em expansão.

Em junho de 2012, a cidade do Rio de Janeiro sediou a *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento* e contou com a presença de mais de 100.000 pessoas que se encontraram para discutir questões socioambientais. Entre os presentes, estavam representantes dos estados membros da ONU, representantes do governo de vários países, organizações não governamentais, estudantes, mídias, fóruns sociais, sindicatos, agricultores, comunidades, entidades religiosas, movimentos ecológicos, movimentos que defendem direitos indígenas, mulheres e sociedade civil em geral. O acesso virtual também foi expressivo: cerca de 50 milhões de pessoas tiveram acesso às ideias da conferência.

No Riocentro, que é o maior centro de convenções da América Latina, localizado na cidade do Rio de Janeiro, realizou-se a programação dos eventos definidos como oficiais. A estrutura física do Riocentro possui 100 mil metros quadrados de área construída, o que viabiliza eventos de grande porte, como a Rio+20 nos quais estavam reunidos delegações de 188 estados-membros, mais de 100 chefes de estado e de governo, ONGs, *Major Groups*[1] e mídia. Segundo as informações do *site* da ONU (CNUDS 2012), as questões específicas

---

[1] [1]*Major Groups* segundo o glossário disponível no site da Cúpula dos Povos, são mulheres, crianças, jovens, povos nativos, organizações não-governamentais, autoridades locais, trabalhadores e sindicatos, negócios e indústria, comunidade científica e tecnológica. (CFSC 2012).

foram debatidas em torno de dois temas: a construção de uma economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza; e o quadro institucional para o desenvolvimento sustentável. A proposta de transição para a economia verde foi baseada no documento de referência intitulado "Rumo a uma Economia Verde" (PNUMA 2011), elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que apresenta a proposta de investimento de 2% do PIB mundial para os seguintes setores: agricultura, construção civil, energia, pesqueiro, silvicultura, industrial, turismo, transporte, lixo e água. Estes setores foram considerados estratégicos para definir a transição para uma economia que redirecione o desenvolvimento para o bem-estar humano, igualdade social, redução de riscos ambientais e escassez ecológica. O quadro institucional para o desenvolvimento sustentável está relacionado a instrumentos de governança que atuariam integrando as dimensões econômicas, sociais e ambientais.

No aterro do Flamengo, assim como em outros pontos do Rio de Janeiro, foi realizada a programação planejada pela Cúpula dos Povos, que representou a sociedade civil global e foi organizada pelas entidades que compõe o *Comitê Facilitador da Sociedade Civil Brasileira para a Rio+20* (CFSC). Segundo informações do *site* oficial da Cúpula dos Povos (CFSC 2012), a organização dos eventos foi estruturada em torno de três eixos: denunciar as causas dos problemas socioambientais; apresentar soluções para a crise ambiental; e fortalecer os movimentos sociais nacionais e internacionais. Dentro desses pilares, a cúpula dos povos visou fortalecer os movimentos na luta anticapitalista, comunicando que o modelo econômico atual não é sustentável e que a "economia verde" não seria a solução, pois continua fundamentada na alta produção de consumo. Junto à crítica ao capitalismo, foram organizadas apresentações teóricas de práticas já trabalhadas em algumas regiões, mas tratadas com invisibilidade pelo governo. Com isso, podemos perceber que o ideário contestador dos modos de produção e consumo das sociedades capitalistas que emergiu nos anos de 1960, continua em movimento.

Dos resultados já materializados na conferência, temos como documento oficial o intitulado "O Futuro que Queremos" (CNUDS 2012), que foi acordado por 188 países e originalmente publicado como "*The Future We Want*", traduzido para o português pelo Comitê Facilitador da Sociedade Civil Catarinense para a Rio+20, em parceria com a tradutora juramentada da UFSC. Neste documento foram registradas as renovações internacionais de metas e acordos políticos.

Também foi reafirmada a importância do envolvimento ativo dos setores públicos, científicos, sociais, entre outros interessados em contribuir com políticas e programas de desenvolvimento sustentável. Foi destacado ser a erradicação da pobreza a principal meta para o bem-estar econômico, social e ambiental. Sobre a implementação das políticas de economia verde, o texto orienta que estas devem ser fundamentadas pelos princípios da *Agenda 21* e do *Plano de Implementação de Johanesburgo.*

A Cúpula dos Povos também elaborou um documento final, que se encontra disponível em seu *site* oficial, intitulado de **"**Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental" – Em defesa dos bens comuns, contra a mercantilização da vida**"** (CFSC, 2012). Neste documento foram registradas algumas soluções, críticas, e uma série de denúncias:

> A dita "economia verde" é uma das expressões da atual fase financeira do capitalismo que também se utiliza de velhos e novos mecanismos, tais como o aprofundamento do endividamento público-privado, o super estímulo ao consumo, a apropriação e concentração das novas tecnologias, os mercados de carbono e biodiversidade, a grilagem e estrangeirização de terras e as parcerias público-privadas, entre outros. (CFSC, 2012 p. 3).

É importante ressaltar que mais do que palco de debates calorosos, a Rio+20 foi local de efetiva mobilização de pessoas, isso implica em pluralidade de culturas, interesses e perspectivas, passíveis de diversas possibilidades de interpretação e descrição, pois tomam proporções que vão muito além de relatórios e acordos. São milhões de pessoas recebendo e compartilhando significados que contam coisas sobre o ambiente, sobre nós, nossos governantes e nossos sistemas de trocas econômicas e culturais. Também é interessante destacar que o termo "desenvolvimento sustentável", tão difuso na conferência e no documento "O Futuro que Queremos", é um conceito que não tem consenso quanto sua significação. Gabriela Scotto, Isabel Cristina de Moura Carvalho e Leandro Belinaso Guimarães, no livro "Desenvolvimento sustentável" (2008), nos contam a história desse conceito que tem suas idéias trabalhadas desde os anos 60. Suas

primeiras concepções foram trabalhadas para dar vínculo a uma perspectiva de desenvolvimento durável. Anos mais tarde, em 1987, as idéias do conceito foram reformulas e publicadas oficialmente no relatório *Nosso Futuro Comum*, sendo fortemente propagadas a partir da década de 90, principalmente na Rio+92. Porém, nesta década, as noções de *desenvolvimento sustentável* foram fortemente vinculadas a uma perspectiva de crescimento e progresso, apesar de que no âmbito da sociedade civil destacavam-se a complexidade e ambigüidade da expressão.

Atualmente a significação do conceito "desenvolvimento sustentável" é grande e diversa, mostrando-se um campo de disputas que "suscita contradições, contraposições, contestações, alianças, articulações e confrontos." (SCOTTO, CARVALHO, GUIMARÃES, 2011, p. 47).

As informações aqui apresentadas procuram mostrar que a conferência foi espaço de levantamento, exames, indagações, difusão e produção de percepções sobre o ambiente, e que as idéias que circularam nesse espaço são expressões "vivas", aprendidas e transformadas junto aos entendimentos e ações ao longo da história humana.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 REFERENCIAL METODOLOGICO

Esta pesquisa está vinculada a reflexões realizadas no grupo Tecendo - educação ambiental e estudos culturais, “atualmente integrado ao Núcleo de Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA), da UFSC” (GUIMARÃES 2010). O grupo é formado por professores, estudantes da graduação e pós-graduação, os quais se reúnem semanalmente para discutir as pesquisas em andamento. Nestas reuniões, todos podem falar e as diferenças são apreciadas, o que proporciona um ambiente favorável para a expansão e criação de uma educação ambiental que se movimenta e se esforça para não se cristalizar. O envolvimento de todos os integrantes, também viabiliza uma aprendizagem, na qual o racional e emocional se entrelaçam. Este método concede liberdade imaginativa, além de incentivar ações de cooperação, respeito e acolhimento do outro.

A subjetividade dos estudantes é considerada, por isso, antes de integrar o grupo foi-me solicitado um texto biográfico. Este exercício produziu uma abertura reflexiva à minha historicidade e consequentemente ao meu modo de ser e compreender a minha natureza social, incitando-me a reconstruir minha interioridade individual. Esta reconstrução disparou outras formas de entender as minhas tradições, interações e experiências vividas no presente, ajudando-me a configurar uma narrativa de sujeito ecológico.

Quando iniciei a faculdade, tive muitas dificuldades para relacionar os conceitos científicos com minha realidade, pois era muito influenciada pela cultura popular, cresci em um ambiente em que o misticismo predominava. Esta dificuldade começou a ser atenuada, na disciplina de Tópicos Especiais em Biologia, que aproximou as questões culturais dos conceitos científicos, quando explicou que somos seres biológicos e culturais, destacando que muitas vezes naturalizamos algumas culturas. Esta questão da naturalização de culturas correspondia com minha realidade, pois antes de entrar na faculdade, eu significava o mundo, somente por conceitos criacionistas do universo. Nesta disciplina também aprendi a ler as pedagogias contidas nos diferentes artefatos da mídia, o que viabilizou que em meu cotidiano eu começasse a reconhecer e a relacionar os conteúdos científicos com minhas tradições, tornando mais leve e mais gratificante a minha aprendizagem nas demais disciplinas, específicas na área biológica.

Este trabalho, como os demais realizados no grupo, articula educação ambiental e estudos culturais. A abordagem dos estudos culturais é fundamentada na expressão "centralidade da cultura", apontada por Hall (1997), expressão que "(...) marca a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, mediando tudo que nela acontece" (WORTMANN, 2011, p.36).

Nesta perspectiva, o estudo focalizou na produção das representações no evento Rio+20, publicadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Interessou saber os modos que o meio ambiente foi produzido discursivamente neste artefato. Com o avanço tecnológico da comunicação, ocorreu o aumento de representações culturais e sistemas simbólicos, nos quais também estão inseridos significados sobre o meio ambiente. Esses significados surgem atrelados a jogos de linguagens e sistemas de classificação que regulam práticas e condutas sociais, demonstrando que "(...) identidade e representação estão intimamente vinculadas" (WORTMANN, 2011, p.37).

Nessa direção, as produções do jornal são entendidas como pedagogias culturais, que ensinam maneiras de existir. Desta forma, foram examinadas as significações de ambiente em que estão atreladas as linguagens que constituem os títulos, subtítulos e imagens. Inicialmente, buscou-se identificar as vozes que estão representadas no discurso e posteriormente as possíveis significações articuladas aos modos em que o assunto foi noticiado. Também foram examinadas as perspectivas apontadas na maneira de posicionar as relações políticas, socioeconômicas e culturais.

Como aponta Wortmann (2011, p. 37), os significados "(...) mudam e se adaptam conforme o contexto, as circunstâncias históricas e o uso que dele se faz". Estas condições apontaram a importância de investigar estas representações, como elas significaram o meio ambiente e quais relações desempenham na construção das nossas identidades sociais.

4.2 TÉCNICA DE PESQUISA

Esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa "utilizada por muitos/as pesquisadores/as da área da educação e das ciências sociais para estudar e entender os fenômenos que ocorrem em contextos sociais ou educativos" (SALGADO, 2008, p. 22). As análises são descritivas e visam explorar os princípios pedagógicos que constituem as notícias da primeira página do jornal, sem a pretensão de estabelecer uma verdade, mas de se posicionar como um "intérprete, que desvela e produz sentido, contribuindo para a constituição de um horizonte compreensivo das relações sociedade – natureza." (SALGADO, 2008, p. 29).

Para a categorização das representações de ambiente foi utilizado seis concepções tipológicas de meio ambiente: "natureza", "recurso", "problema, "lugar para viver", "biosfera" e "projeto comunitário" (SAUVÉ 1997).

O meio ambiente como "natureza" tem como característica a idéia de ambiente que necessita ser preservado, por ser puro, intocado, original; Como "recurso" nos dá a idéia de que ele precisa ser administrado, para garantir a qualidade de vida e por ser considerado uma herança biofísica coletiva; Entendido como "problema" é considerado como algo que precisa ser resolvido, ou que precisamos nos prevenir, sendo representado pela poluição, pelas ameaças, pela degradação ambiental; Como "lugar para viver" é representado com seus componentes sociais, culturais e tecnológicos; O meio ambiente visto como "biosfera" é representado como um superorganismo, "Gaia", no qual seres vivos e seres inanimados são interdependentes; Como "projeto comunitário" o meio ambiente é representado através de suas relações políticas e sociais.

Através dessas ferramentas esperou-se conseguir descrever os modos de publicação do jornal e descobrir se estas representações encaixam-se nas concepções tipológicas de meio ambiente apresentadas.

5 RESULTADOS E COMENTÁRIOS

A Rio+20 aconteceu em um cenário globalizado, sendo espaço de circulação de diversos sistemas de símbolos que comunicaram e evocaram significações de meio ambiente. Nesse espaço, a mídia atuou na veiculação das diversas representações. Segundo o site da ONU, 4.075 pessoas participaram como membros da imprensa de rádio, televisão, cinema e mídia impressa e online, fazendo as representações sociais do evento.

O jornal *Estado de S. Paulo* esteve presente na conferência demonstrando interesse pelas questões ambientais, atuando na mediação dos eventos e destinando um caderno específico para a conferência, intitulado como, *Planeta Rio+20*. De uma maneira geral, os cadernos destinados a Rio+20 trazem mais de 80 notícias. Todos os cadernos trouxeram opiniões, análises de jornalistas, secretários, presidentes, especialistas da área da geografia, agronomia, entre outras, que comunicaram sobre algumas discussões, alguns impasses entre os acordos, condições estruturais dos eventos, algumas manifestações, etc. Nas capas dos oito cadernos foram impressas manchetes referentes às reuniões que ocorreram no Riocentro. Também foram publicadas em cada uma das capas imagens grandes e centrais que fizeram referencia às manifestações organizadas pela Cúpula dos Povos.

Neste trabalho, a análise será referente somente às capas dos cadernos, pois estas destacam argumentos para que o jornal, enquanto produto, seja vendido e, enquanto produção cultural, contenha princípios pedagógicos.

A análise das capas foi organizada em: título e subtítulos ou linha de apoio da manchete; títulos e subtítulos das chamadas, que são textos curtos que tem a função de resumir as informações publicadas pelo jornal; legendas e subtítulos da imagem central da capa do caderno. Apresento, na próxima página, as capas de cada caderno, seguido de sua respectiva análise.

H1 | DOMINGO, 17 DE JUNHO DE 2012 — O ESTADO DE S. PAULO

Vida/

PLANETA Rio+20

http://www.estadao.com.br/planeta

Favela verde
Ativistas sofrem em acampamento precário
Pág. H8

Exemplo do futuro
Japão usa sustentabilidade para reconstruir cidade
Págs. H4 e H5

Ameaça mortal
Vestido de 'homem-floresta', militante de uma organização não governamental protesta no Aterro do Flamengo, segurando um globo terrestre em referência às ameaças enfrentadas pelo planeta

Negociações avançam em ritmo lento e contra o tempo

Em três dias houve acordo em só 37% dos parágrafos do documento que será avaliado por chefes de Estado a partir do dia 20

Durante os três dias previstos inicialmente para as discussões do Comitê Preparatório (PrepCom) para a Rio+20, no Riocentro, os países chegaram a um acordo em relação a apenas 37% dos parágrafos do documento que será avaliado pelos chefes de Estado, a partir do dia 20.

Ao saírem da última plenária realizada dentro do cronograma acordado inicialmente, já na madrugada de sábado, o embaixador André Corrêa do Lago, negociador-chefe do Brasil, admitiu: Não é uma glória".

Para o facilitador do Canadá, responsável pelo espinhoso grupo que discute a economia verde, o progresso não foi maior porque os países não trataram das questões transversais. "Esse debate não havia sido bem-sucedido nos outros grupos", explica.

A primeira versão do documento, chamada rascunho zero, em janeiro, tinha 19 páginas. Ao longo do primeiro semestre, o documento cresceu para 278, foi reduzido novamente e chegou ao Rio com 80 páginas, contendo mais de 300 parágrafos.

Como o documento que seria levado para os chefes de Estado não foi finalizado, as discussões serão estendidas até o dia 19.

No espaço de encontros e debates da sociedade civil na Rio+20, a Cúpula dos Povos ainda não produziu o impacto esperado frente à agenda oficial. Após um início marcado pela desorganização e falta de informações aos participantes, a expectativa é de que a partir de hoje os problemas sejam resolvidos no Aterro do Flamengo, para preparar o espaço para os principais eventos que ocorrem a partir de terça-feira.

Enquanto a conferência se desenrola, a cidade do Rio de Janeiro se acostuma com a presença de representantes do mundo inteiro e de brasileiros de várias regiões. Ontem, o carioca que andou de metrô se surpreendeu com dezenas de índios que se espalharam pelas composições. Com trajes típicos, eles carregavam sacos com instrumentos, arcos e flechas e cordões de miçangas. Desde que desembarcaram no Rio, os índios de diferentes etnias transformaram seus cocares multicoloridos numa espécie de marca registrada da Rio+20.

Figura 1- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 17/06/2012

”Negociações avançam em ritmo lento e contra o tempo”, é o título da manchete publicada no dia 17 Junho. Ela faz referência, aos dias de diálogo entre os países que ocorreram no Riocentro antes do início da conferência. Estes diálogos buscavam revisar o rascunho do documento que serviria de base para o evento. A linha de apoio nos diz que “Em três dias houve acordo em só 37% dos parágrafos do documento que será avaliado por chefes de Estado a partir do dia 20”. Nesta manchete e linha de apoio, o enunciador jornalista, cobra rapidez no consenso entre os documentos, mas não deixa claro qual a importância destas negociações e ao que elas se referem, apenas aponta o quanto do documento foi acordado, qual o prazo para o término das negociações e quem serão os avaliadores do processo.

A chamada “Favela Verde”, posicionada a esquerda na margem superior da primeira página, sinaliza a imagem do acampamento de alguns participantes da Cúpula dos Povos, que se reuniram no aterro do flamengo, na tentativa de influenciar o encontro dos chefes de estado, que aconteceu no Riocentro. O título faz referência à acomodação dos participantes.

O título “Exemplo do Futuro”, situado à direita da margem superior, faz referência á imagem de uma cidade do Japão, que foi devastada por um tsunami e está sendo reconstruída na ação de um modelo sustentável. Este é realmente um bom exemplo de superação e de sustentabilidade, mas será que é necessário ir para o outro lado do mundo buscar exemplos de sustentabilidade? Aqui no Brasil não é possível encontrar exemplos de um futuro que já acontece na ação de muitas pessoas?

A foto central da capa intitula-se: “Ameaça Mortal”, nela temos a imagem de um manifestante da Cúpula dos Povos que está usando uma máscara de ar, sua roupa contém várias bandeiras do Brasil e em suas mãos vemos um globo terrestre que contém alguns brinquedos fixados. A linha de apoio nos diz que ele protesta contra as ameaças enfrentadas pelo planeta. A ilustração com brinquedos fixados no mundo pode ser interpretada como parte de uma referência ao fato de que “estaríamos brincando com o planeta”? Brincando com uma ameaça mortal? Os brinquedos também podem ser interpretados como uma “cortina” que encobre a questão do medo que o título nos transmite quando discursa “Ameaça mortal”, procurando nos fazer pensar sobre os problemas socioambientais apelando para insegurança e medo. Uma alternativa seria nos fazer pensar ecologicamente buscando provocar-nos “com procedimentos muito menos marcados pelo medo, e muito

mais aproximados das questões sociais, coletivas e políticas estéticas" (HENNING, 2012 p.247).

Esta capa representa o meio ambiente em seu aspecto individual e coletivo, mostrando as relações culturais, sociais e políticas envolvidas nas nossas interações com o ambiente. Ela ensina o meio ambiente como um "problema" que precisa ser resolvido, pois está em perigo por causa das ações humanas de exploração dos recursos naturais e que a responsabilidade de reverter essas 'ameaças' ambientais está no âmbito político, como aponta a manchete e do ser humano individual, como mostra a imagem central da capa.

Vida/

PLANETA Rio+20

http://www.estadão.com.br/planeta

Multidão
Cariocas e turistas lotam atrações da zona sul
Pág. H6

Novo indicador
Steiner, do Pnuma, quer riqueza natural no PIB
Pág. C4

Protesto de US$ 1 tri
Criança engatinha sobre bandeira gigantesca estirada na praia de Copacabana com desenho de nota de US$ 1 trilhão, simbolizando os subsídios destinados anualmente pelos governos do mundo inteiro à produção de combustíveis fósseis.

MILTON JUNIOR/AE

Negociação avança e Dilma prepara cobrança de líderes

Discurso na cúpula vai pedir compromisso de **ação imediata** para combater **pobreza**, apesar da crise econômica

O rascunho apresentado pelo Brasil na noite de sábado fez com que as negociações sobre o documento-base da Rio+20, que será discutido pelos chefes de Estado a partir de quarta-feira, ganhassem um novo fôlego. De acordo com o embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado, chefe da delegação brasileira na conferência, os avanços foram significativos e a expectativa agora é de que o texto seja fechado até a noite de hoje.

Entre os temas mais polêmicos, os negociadores estão perto de um consenso principalmente em relação ao fortalecimento do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). Mas, diferentemente da proposta inicial, o órgão não será transformado em uma agência especializada – a ideia é fortalecê-lo dentro das Nações Unidas.

No discurso em que fará na abertura da sessão de chefes de Estado, a presidente Dilma Rousseff cobrará dos líderes mundiais o compromisso com ações imediatas para combater a extrema pobreza e frear as consequências das mudanças climáticas – mesmo com a crise econômica.

Na estratégia dos negociadores brasileiros, 2015 será o novo marco na agenda do desenvolvimento sustentável. Jogando o prazo para frente, acredita o Brasil, o debate não será dominado pelas dificuldades econômicas enfrentadas por países ricos.

Entre os aspectos que serão discutidos depois estão a definição de fontes de financiamento para o combate à pobreza e adoção de tecnologias ambientalmente sustentáveis.

Esse debate vai considerar até mesmo a mobilização de recursos privados e não apenas dos orçamentos de governos, segundo o texto, que abandona a proposta de criação imediata de um fundo de US$ 30 bilhões anuais, defendida pelos países em desenvolvimento.

Na avaliação dos negociadores brasileiros, a proposta de declaração final foi bem recebida e será objeto de novas rodadas de conversas antes da reunião de chefes de Estado, na quarta-feira. Integrantes do governo não descartam que o resultado da Rio+20 venha a ser considerado "um fracasso", pelo conteúdo pouco ambicioso e vago.

Figura 2- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 18/06/2012

“Negociação avança e Dilma prepara cobrança de líderes”, é o título da manchete publicada no dia 18 de Junho, nela o jornal apresenta duas outras vozes, a de Dilma e a dos líderes. Neste título, a presidente Dilma é representada como a pessoa que exige compromisso e ação dos líderes. Entendo com a manchete, que os “líderes” não estão cientes que estavam reunidos no Rio Centro com a finalidade de compromisso e ação, por isso, necessitavam ser cobrados. O subtítulo que se refere à Dilma: “Discurso na cúpula vai pedir compromisso de ação imediata para combater pobreza, apesar de crise econômica”, explica como a presidente pretendia fazer a cobrança, qual era a cobrança e qual é o fator que poderia limitar a ação: a “crise econômica”. O discurso sobre a “crise econômica” é comum nos discursos das autoridades políticas, tornando-se uma verdade naturalizada que não explica a falta de atitude na resolução da crise alimentícia, de moradia e trabalho em que vivem milhões de pessoas em todo mundo.

A chamada “Multidão” intitula a imagem de pessoas em uma fila para participar dos eventos planejados pela Cúpula dos Povos. A legenda da imagem nos diz que “Cariocas e turistas lotam atrações da Zona Sul”, mas será mesmo que esta multidão foi para Rio+20 fazer turismo? Será também que os debates organizados pela Cúpula dos Povos podem ser considerados como atração? Uma vez que esta palavra que nos remete ao sentido de distração e divertimento.

O título “Novo Indicador” faz referência à foto de Achim Steiner, diretor executivo do PNUMA. O subtítulo da chamada nos diz que ele “quer riqueza natural no PIB”. Este subtítulo nos dá uma informação equivocada, pois a notícia nos conta que o PNUMA sugere um novo indicador, chamado de Riqueza Inclusiva (IRI), que seria mais completo que o PIB, pois integraria aspectos sociais e ambientais ao desempenho econômico dos países.

A imagem central da capa intitula-se “Protesto de US$ 1tri”, nela vemos uma criança gatinhando em uma bandeira. A linha de apoio comunica que “Criança engatinha sobre bandeira gigantesca estirada na praia de Copacabana, com desenho de nota de US$ 1trilhão, simbolizando os subsídios destinados anualmente pelos governos do mundo inteiro à produção de combustíveis fósseis”. O protesto ganhou destaque na primeira página, mas ao folhear o jornal para saber os detalhes da notícia, não a encontramos havendo apenas uma imagem da bandeira tirada com maior distância e um comentário com a mesma informação do subtítulo da imagem da capa, nenhum dos protestantes foi entrevistado.

Esta capa contempla o meio ambiente sob diferentes aspectos, tais como o político, econômico e social. A imagem central da capa chama a nossa atenção para um “bebê fofo”, o que pode ser interpretado como uma estratégia de veiculação que desvia a nossa atenção da intenção do protesto: “denunciar o alto valor destinado aos combustíveis fósseis”. Protesto que foi pouco explorado na notícia do jornal. O bebê na foto também pode nos fazer pensar que precisamos parar de ter filhos, pois estes entrarão na conta do 1 trilhão? Ou se procurarmos uma relação entre a chamada intitulada de “Protesto de US$ 1tri” e o subtítulo da manchete “Discurso na cúpula vai pedir compromisso de ação imediata para combater pobreza, apesar de crise econômica” podemos nos sensibilizar com a imagem do bebê e refletir sobre a urgência da erradicação da pobreza que leva a redução do nível da qualidade da vida e com isso a falta de acesso a necessidades básicas, tais como saúde e alimentação que são essenciais para a sobrevivência do bebê em sua comunidade.

H1 | TERÇA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2012 — O ESTADO DE S. PAULO

Vida/

PLANETA Rio+20

http://www.estadao.com.br/planeta

Mau exemplo
Só 20% do lixo reciclável tem descarte adequado
Pág. H5

Congestionado
Cariocas vivem pesadelo com trânsito caótico
Pág. H8

País em chamas

Manifestante fantasiado de Dilma Rousseff cospe fogo em um cartaz de papelão que representava o mapa do Brasil, durante a passeata Marcha à Ré, organizada pelo Comitê Brasileiro em Defesa das Florestas, no Rio.

Brasil é criticado por tentar acelerar documento final

Para outros países, **pressão** brasileira para obter **consenso** antes da reunião de cúpula gera **texto fraco** e sem metas

O país autorizão da Rio+20 foi alvo, pela primeira vez, de duras críticas de diplomatas de outras nações e ativistas de organizações não governamentais (ONGs). O motivo é a pressão do Brasil para fechar o documento da Rio+20 antes da reunião de chefes de Estado, que começa amanhã – o que teria resultado numa proposta de texto fraco demais, aniesquando comprometer o objetivo da conferência. A União Europeia, por exemplo, se ressente principalmente da falta de metas em áreas como energia, água e eficiência no uso dos recursos. A UE defende manter o texto em aberto para ser debatido pelos chefes de Estado durante a reunião de cúpula.

Como um consenso sobre o texto da declaração final não foi obtido nas rodadas anteriores, organizadas pela ONU, o país anfitrião deveria assumir o comando das negociações. Numa tentativa de conciliar posições e acelerar o processo, a delegação brasileira acabou retirando ou reduzindo a ambição de vários pontos de conflito que eram considerados essenciais para um resultado forte da conferência, especialmente em questões relacionadas ao comprometimento econômico e políticos dos países ricos com o desenvolvimento sustentável.

O embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado, chefe da delegação brasileira, porém, permanecia otimista no início da noite quanto à finalização do documento ainda ontem – nem que fosse necessário avançar na madrugada em busca do consenso.

As primeiras críticas à posição brasileira na Rio+20 surgiram em meio à revelação de cabos revelados pelo site WikiLeaks – e obtidos pelo correspondente do **Estado** em Genebra, **Jamil Chade** – de que os Estados Unidos tentaram adiar a realização da Rio+20 desde 2008. A justificativa, apresentada inicialmente pela administração George Bush e reiterada pela de Barack Obama, é de que uma conferência de desenvolvimento sustentável só teria resultados práticos se fosse realizada mais tarde, em 2015.

Os cabos revelados pelo WikiLeaks mostraram que os governos da França e da Holanda também hesitaram em apoiar a Rio+20.

Figura 3- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 19/06/2012

“Brasil é criticado por tentar acelerar documento final”, é a manchete publicada no dia 19 de Junho. A linha de apoio comunica: “Para outros países, pressão brasileira para obter consenso antes da reunião de cúpula gera texto fraco e sem metas”. Ativistas das organizações não governamentais e representantes de outras nações, como por exemplo, a União Européia acreditam que aceleração dos documentos gerou texto com poucas metas principalmente nas áreas “energia, água e eficiência no uso de recursos”.

A chamada “Mau Exemplo” traz em sua ilustração a foto de um homem vasculhando uma lata de lixo, com um saco de garrafas pet ao seu lado, parece-me que ele estaria separando o lixo. A linha de apoio comunica que “Só 20% do lixo reciclável tem descarte adequado”. O que a chamada e linha de apoio não expõem é quem está dando este “mau exemplo”, pois este homem que aparece na foto separando o lixo, não parece ser um mau exemplo. Ele reflete inclusive a sociedade brasileira desigual, com discrepâncias gritantes, alta concentração de renda que torna o Brasil um dos países com maior desigualdade de renda do mundo.

O titulo “Congestionado” tem como ilustração uma foto do congestionamento de veículos na cidade do Rio de Janeiro, que durante os dias de conferência recebeu pessoas do mundo inteiro. Mas se as autoridades do Rio de Janeiro sabiam que iriam receber muitas pessoas, estes não deveriam ter preparado a cidade e viabilizado os meios de condução? Ao procurar a notícia, vi que o jornal culpabiliza algumas manifestações e a chegada antecipada de alguns chefes de Estado pelo tráfego intenso. Mas será que a culpa é somente das manifestações e da chegada dos chefes de Estado ou a mobilidade urbana é precária no Rio de Janeiro e congestionamentos como este são vivenciados cotidianamente pela população desta cidade?

“País em Chamas” é o titulo que acompanha a foto da manifestação Marcha à Ré, organizada pelo comitê Brasileiro em Defesa das Florestas, no Rio. Na foto, vemos muitas pessoas em uma rua, segurando cartazes de protesto. Centralizado na foto está um manifestante, mencionado na linha de apoio da chamada: “Manifestante fantasiado de Dilma Rousseff cospe fogo em um cartaz de papelão que representava o mapa do Brasil, durante a passeata Marcha à Ré. A chamada nos informa quem organizou a passeata, mas não diz o que eles estavam reivindicando, quais os problemas que estavam apontando? O que eles gritavam através de seus gestos, fantasias e cartazes? Eles foram atendidos?

Esta capa direciona nossa atenção para a reciclagem do lixo, mas não nos dá maiores explicações. Este direcionamento pode ser interpretado como uma ferramenta do pensamento que aciona a consciência a refletir que os materiais orgânicos e inorgânicos podem ser reaproveitados, poupando energia e matéria prima. A capa também captura nossa atenção para a imagem de um congestionamento, podendo acionar o pensamento a ações que evitem estas situações, como por exemplo, usar o transporte público, diminuindo o número de veículos nas ruas. Mas será que o transporte público desta cidade é eficiente? Esta capa também conta que nossas florestas estão sendo degradas e que a população está cobrando a resolução deste problema das autoridades políticas. Porém, a imagem central da capa demoniza a figura pública da presidenta Dilma, relegando a ela a culpa pela destruição das florestas, simbolicamente na imagem.

Vida/

PLANETA Rio+20

http://www.estadao.com.br/planeta

Acordo
Prefeitos prometem diminuir emissões
Pág. H7

Reciclagem
Catadora de lixo falará a chefes de Estado
Pág. H6

Cartaz humano
Indígenas e ativistas compõem, com seus corpos, mensagem na Praia do Flamengo, no Rio, grupo protestou pela preservação das florestas e dos rios e contra a construção de hidrelétricas no Brasil

RIOS PARA A VIDA

Brasil fecha acordo e evita risco de fiasco na Rio+20

Embora tímido, rascunho de **documento final** obtido após intensas negociações afasta possível **impasse** na cúpula

Após uma maratona de negociações diplomáticas em cima do rascunho da declaração final da Rio+20, a delegação brasileira costurou um acordo que parecia impossível nos últimos dois dias e cumpriu a missão que recebeu da presidente Dilma Rousseff: evitar que cúpula dos chefes de Estado de governo, que começa hoje e vai até sexta-feira, corra o risco de naufragar em meio a um impasse em torno do documento final.

O texto aprovado por consenso por todas as delegações – exigência da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, nome oficial da Rio+20 – porém, não foi considerado o ideal pelas delegações. "Foi o acordo possível", resumiu o secretário-geral da Rio+20, o chinês Sha Zukang. Para as organizações não governamentais, o resultado foi uniforme: "fiasco em ambições".

Os negociadores brasileiros, por sua vez, comemoraram o resultado. "O texto é estupendo", afirmou o embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado, negociador-chefe do País – resumindo o alívio após um intricado processo de negociação.

Os europeus pressionaram por uma adesão mundial mais firme aos princípios da chamada economia verde, com redução impacto ambiental, mas os países em desenvolvimento mais pobres não queriam que isso representasse barreiras aos seus produtos, e os americanos trabalharam para evitar compromissos com a mudança nos padrões de consumo e produção para um modelo sustentável.

Ao administrar interesses tão conflitantes na declaração final da Rio+20, o governo brasileiro, anfitrião da conferência, abria mão de uma definição mínima dos temas que serão tratados pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, que só serão conhecidos em dois anos. O texto pode ser alterado, possibilidade considerada remota. Até agora, entre um resultado ambicioso e o fracasso total, o País trabalhou para evitar a segunda possibilidade.

Figura 4- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 20/06/2012

A manchete do dia 20 de Junho intitula-se: “Brasil fecha acordo e evita risco de fiasco na Rio+20”. Este discurso afirma que o Brasil só fechou o acordo quanto ao rascunho do documento para evitar embaraços. A linha de apoio nos comunica que “Embora tímido, rascunho de documento final obtido após intensas negociações afasta possível impasse na cúpula”. Mas a reunião dos países não foi para que todos pudessem colocar os seus pareceres? Nesta representação, fica-se com a impressão de que o Brasil teria participado das decisões apenas no apaziguamento do processo.

O título “Acordo” faz referência às intenções firmadas pelos representantes das cidades que integram o grupo C-40[2] e a Cúpula dos Prefeitos. A chamada traz a ilustração de alguns destes prefeitos fazendo um sinal simbólico de união com as mãos. A linha de apoio informa que “prefeitos prometem diminuir emissões”. A dúvida ao ler a chamada, é como eles vão cumprir essa promessa, e quando eles vão acioná-la. Procurando a notícia nas páginas do jornal, encontrei que eles prometem fazer esta diminuição até 2030 e que o “acordo” foi apenas intencional, pois não foi assinado nenhum documento.

“Reciclagem” é o titulo da imagem de uma mulher, a qual foi apresentada na linha de apoio como “Catadora de lixo falará a chefes de Estado”. A notícia informa seu nome, Claudete Ferreira e explica que ela iria ser premiada por seu ativismo e falaria aos chefes de Estado sobre a realidade dos catadores de material reciclável.

A imagem central da primeira página intitula-se: “Cartaz Humano”. A linha de apoio informa que “Indígenas e ativistas compõe, com seus corpos, mensagens na Praia do Flamengo, no Rio; grupo protestou pela preservação das florestas e dos rios e contra a construção de Hidrelétricas no Brasil”. Na ilustração há uma foto do “Cartaz humano”, nele é formado um círculo que pode ser considerado uma mandala, em seu interior está simbolizado um índio e um sol e, exterior ao círculo, é formado uma mensagem que diz “Rios para a vida”. Nas demais páginas do jornal não foram publicadas outras notícias e opiniões sobre o protesto.

---

[2] Grupo C-40 Segundo o *site* Mudanças Climáticas este grupo atende pelo título oficial de “Cidades do Grupo de Liderança em Clima”. É um grupo de grandes cidades mundiais, que desde 2005 une 40 prefeitos, dispostos em debater sobre as mudanças climáticas e reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

Esta capa está nos ensinando que a preservação do meio ambiente está relacionada à política, quando mostra que a diminuição das emissões de gases nocivos ao meio depende principalmente da ação das autoridades governamentais. Também mostra a importância do trabalho manual para a preservação do meio, como por exemplo, o trabalho dos catadores de material reciclado. Ela também nos ensina sobre as diferenças quando mostra que integrantes de culturas diversas se reúnem em prol da preservação das florestas, dos rios e contra a construção de hidrelétricas no país. A imagem central da capa também direciona nossa atenção a uma ideia naturalizada de que as populações tradicionais indígenas seriam exemplos de preservação e convivência harmônica com o ambiente.

H1 | QUINTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2012 O ESTADO DE S. PAULO

Vida/

PLANETA Rio+20

http://www.estadao.com.br/planeta

Hollande
Francês propõe imposto sobre emissão de carbono
Pág. H5

Amazônia
Chuva vai diminuir e temperatura aumentará
Pág. H7

Centro do Rio vira festa
No Dia de Mobilização Global, organizado pelos movimentos sociais participantes da Cúpula dos Povos, manifestantes caminharam pela Avenida Rio Branco, no centro do Rio, fazendo festa e com uma grande e diversa lista de reivindicações

Dilma defende documento final que ONGs rejeitam

Presidente exalta **consenso** obtido ao abrir a **Rio+20**, mas ONGs exigem que apoio da sociedade civil seja retirado do **texto**

A presidente Dilma Rousseff abriu a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, nome oficial da Rio+20, afirmando que o rascunho do documento final costurado nos últimos dias foi "fruto do consenso" e defendendo a ação de todos os países para conduzir o mundo para as mudanças necessárias a fim de atingir o desenvolvimento sustentável. O tom de seu discurso foi de resposta às críticas de organizações não governamentais, que consideraram o texto fraco e sem ambição.

Dilma explicou que o texto foi "resultado de grande esforço de conciliação e aproximação de posições", numa referência à exigência de que o documento tenha o apoio unânime dos representantes de todos os 193 países.

As ONGs e vários países, porém, exigiram que a expressão "com plena participação da sociedade civil" seja removida do parágrafo introdutório do documento-base da conferência, expondo a irritação com o resultado da conferência.

O embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado, negociador-chefe do País, reagiu à pressão pelo teor do documento final. "Quem exige ambição de ação e não pode debatê-lo na mesa está sendo no mínimo incoerente", disse Figueiredo Machado.

Foi uma clara resposta às críticas de representantes de vários países, que, mesmo tendo concordado com o documento final aprovado na terça-feira, qualificaram o resultado da conferência como pouco ambicioso.

"Não se pode exigir ambição de ação se não houver ambição de financiamento", disse Figueiredo. Diante de tantas expressões de descontentamento, a principal dúvida no Riocentro ontem era se o documento poderia ser reaberto para negociações e modificações antes do fim da conferência. Figueiredo disse que não há essa possibilidade – apesar do fato de o documento só ser adotado formalmente na plenária final de amanhã. "Esse é o texto, já foi negociado, já está fechado."

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, fez um apelo para que os países-membros da entidade avancem em relação aos compromissos firmados na Rio+20.

Figura 5- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 21/06/2012

“Dilma defende documento final que ONGs rejeitam” é o titulo da manchete do dia 21 de Junho. A linha de apoio: “Presidente exalta consenso obtido ao abrir a Rio+20, mas ONGs exigem que apoio da sociedade civil seja retirado do texto”. Esta manchete e linha de apoio nos deixa com a impressão de contradição, pois na manchete anterior, a representação da voz do Brasil dizia que o Brasil só fechou o acordo para evitar “fiasco”, já nesta, a voz que representa a presidente Dilma nos comunica que ela “exalta” consenso obtido ao abrir a Rio+20 e que as ONGs representantes da sociedade civil do mundo inteiro rejeitam este consenso.

A chamada “Hollande” intitula a imagem do presidente Francês com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A linha de apoio informa que o presidente “propõe imposto sobre a emissão de carbono”.

O título “Amazônia” tem como ilustração uma imagem que achei difícil de identificar e significar e fiquei pensando qual seria a intenção do jornal ao escolher esta imagem? Será que foi apenas um descuido de edição? A linha de apoio comunica que “Chuva vai diminuir e temperatura aumentará”, seria esta a previsão do tempo na Amazônia para este dia? Procurando a notícia nas páginas do jornal, encontro que o Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas prevê o aumento de 5° a 6° até o fim do século. Também prevê redução de 40% a 45% das chuvas no mesmo período.

A imagem central da primeira página intitula-se “Centro do Rio vira festa”, nela, uma criança andando sobre uma bandeira do Brasil. A linha de apoio informa que “No dia de mobilização Global, organizado pelos movimentos sociais participantes da Cúpula dos Povos, manifestantes caminharam pela Avenida Rio Branco, no Centro do Rio, fazendo festa e com uma grande e diversa lista de reivindicações”. Fiquei curiosa pra saber o que esta “grande e diversa lista” estava reivindicando, mas não havia mais nada sobre isso nas demais páginas do jornal. Esta chamada e linha de apoio também são bastante contraditórias, pois as palavras “mobilização”, “manifestantes” e “reivindicações”, nos dão a impressão da união de pessoas para uma ação política que exige e cobra algo de alguém, de alguma autoridade, do governo, não parece se tratar de reunião de pessoas com a finalidade de “festa”, como é apontado no título da chamada.

Esta capa mostra que os conflitos entre o governo e os movimentos ativistas que começaram na década de 70 continuam a existir. A manchete evidencia novamente a intenção do jornal de demonizar a figura da presidente, jogando-a contra as ONGs, vistas

nesta capa como as “heroínas”, “mocinhas” do embate. Na chamada intitulada como “Hollande”, o jornal chama a nossa atenção para a importância da intervenção política na diminuição das emissões de carbono, mas silencia as controvérsias científicas envolvidas nas questões sobre créditos de carbono e aquecimento global, como se este fosse certo, naturalizado.

> [...] algumas versões sobre Mudanças Climáticas (e, por consequência, algumas versões de ciências, de comportamentos desejados), são escolhidas pela mídia para se tornarem as construções mais ou menos oficiais, as mais ou menos corretas, as que se deve levar a sério e as que não. (RAMOS 2010, p. 94).

No título “Amazônia” com subtítulo “Chuva vai diminuir e temperatura aumentará”, o discurso auxilia a pedagogia do medo, relacionada às ideias sobre aquecimento global. Segundo Mariana Brasil Ramos (2010) “As mudanças climáticas sempre ocorreram em nosso planeta”, o que torna difícil apontar o que seria “natural”, e o que seria causado pelas ações humanas.

A imagem central da capa nos ensina sobre a identidade nacional, quando mostra uma menina caminhando sobre uma bandeira do Brasil. Articulando esta imagem com as demais informações da capa podemos interpretar que o jornal utiliza do sentimento de identificação nacional para direcionar nosso olhar para o aumento de temperatura e diminuição das chuvas no Amazônia, relacionando essas mudanças ao aquecimento global e aumento de gases de efeito estufa.

H1 | SEXTA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 2012 — O ESTADO DE S. PAULO

Vida/

PLANETA Rio+20

estadao.com.br/planeta

Mulheres
Dilma defende direito à sexualidade e à reprodução
Pág. H7

José Manuel Durão
Presidente da Comissão Europeia pede mais ação
Pág. H4

Sucesso de público
Obra da exposição Humanidades 2012, no Forte de Copacabana. Uma das atrações mais disputadas pelo público durante a Rio+20, foi criada pela diretora e cenógrafa Bia Lessa e pode vir para o Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

Texto da Rio+20 causa recuo do líder da ONU e manifesto

Secretário-geral da ONU, que havia **criticado** documento pouco ambicioso, recua; **manifesto** de ONGs rejeita **texto final**

Uma crise diplomática marcou o segundo dia da reunião de chefes de Estado e de governo da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Depois de, na véspera, declarar que o documento final da Rio+20 era pouco ambicioso, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, recebeu ontem uma reprimenda do governo brasileiro, convocou às pressas uma coletiva para a imprensa brasileira e mudou de idéia, afirmando que o texto final da conferência, em sua opinião, é sim "ambicioso", além de "amplo e prático".

"Esse é um documento final que contém pacotes amplos, ambiciosos e práticos para o desenvolvimento sustentável, garantindo os três pilares dos nossos objetivos: equidade social, desenvolvimento econômico e sustentabilidade ambiental", enumerou o sul-coreano. Em seguida, agradeceu "a liderança visionária da presidente Dilma Rousseff e sua equipe".

O **Estado** apurou que a irritação do Brasil transmitida à ONU teria partido principalmente da presidente Dilma Rousseff.

Outras críticas ao documento, em maior ou menor grau, também foram ouvidas ontem. O presidente da Comissão Europeia, órgão executivo da União Europeia (UE), José Manuel Durão Barroso, negou que a crise econômica na Europa tenha sido a responsável pelo enfraquecimento do documento final da Rio+20.

"A Europa sempre defendeu uma ambição maior", justificou Barroso – que, no entanto, foi quem tão de elogiar o desempenho do Brasil ao conduzir as negociações.

Menos diplomáticas foram as críticas ao texto final descritas numa carta de repúdio de Organizações não governamentais (ONGs) divulgada ontem. Assinada por líderes históricos do ambientalismo, o texto diz que "a Rio+20 passará para a história como uma conferência da ONU que ofereceu a sociedade mundial um texto marcado por graves omissões que comprometem a preservação e a capacidade de recuperação socioambiental do planeta, bem como a garantia, às atuais e futuras gerações, de direitos humanos adquiridos". A Rio+20 termina hoje, com a divulgação do documento final.

Figura 6- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 22/06/2012

A manchete publicada no dia 22 de Junho intitula-se: “Texto da Rio+20 causa recuo do líder da Onu e manifesto”. A linha de apoio “Secretário-geral da ONU, que havia criticado documento pouco ambicioso, recua; manifesto de ONGs rejeita texto final.” O corpo da notícia informa que Ban Ki-moon havia declarado achar pouco ambicioso o documento e que, por isso havia sofrido uma “reprimenda do governo brasileiro”, que o fez “recuar”. Neste discurso, o jornal representa o governo brasileiro como um opressor, que censura quem não concorda com seus pareceres. A voz das ONGs que foi representada nas manchetes do jornal somente a partir do dia 21, continua não aprovando o texto, mas parece que essa rejeição tem pouco ou nenhum efeito nas decisões.

O título “Mulheres” tem como ilustração uma foto da presidente Dilma ao lado da presidente da ONU Mulheres[3], Michelle Bachelet. A linha de apoio informa que “Dilma defende direito à sexualidade e a reprodução”. Esta chamada faz referência ao discurso que Dilma fez no fórum das mulheres, defendendo o documento final elaborado pela ONU, que declara os direitos universais das mulheres.

“José Manuel Durão” é o título da imagem do presidente da comissão Européia, que segundo a linha de apoio, “pede mais ação”. A notícia da chamada nos informa que José Manuel Durão declara que a crise econômica da Europa não é “responsável pelo enfraquecimento do documento final da Rio+20” e que a “A Europa sempre defendeu uma ambição maior”. Esta notícia nos comunica que as ONGs não foram as únicas a criticar o documento, como dá a entender em algumas manchetes.

“Sucesso de público” é o título da imagem central da primeira página. A linha de apoio: “Obra da exposição Humanidades 2012, no forte de Copacabana. Uma das atrações mais disputadas pelo público durante a Rio+20 foi criada pela diretora e cenógrafa Bia Lessa e pode vir para o Parque do Ibirapuera, em São Paulo”. A imagem é de um cartaz, no qual se lê: “Subam num avião e sobrevoem as imensas planícies que está a natureza, a natureza que nos fez e cujas as forças aqui aparecem. Travar-se-á um debate em suas almas e os senhores

[3] ONU Mulheres. Segundo o *site* OPSI (Observatório de Participação Social Internacional), é um grupo interessado em assegurar os direitos das mulheres, tais como: Violência contra a mulher; Paz e segurança; Liderança e Participação; Empoderamento Econômico; Planejamento Nacional e Orçamento; Direitos Humanos; e Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

terão imensas inquietações. Não as do inferno, mas as do destino". Nas demais páginas do jornal não há mais notícias sobre a exposição.

Esta capa nos ensina sobre as relações políticas e culturais. Mostra que durante a Rio+20 as autoridades políticas presentes na conferência tiveram muitos conflitos e desacordos devido ao documento "O Futuro que Queremos". Na manchete "Texto da Rio+20 causa recuo do líder da Onu e manifesto", há um reforço da "opressão do governo", que é ensinada em muitas das capas. Também nos conta que muitas mulheres querem conquistar o direito ao próprio corpo, ou seja, a sexualidade e a reprodução e que este direitos foram defendidos pela presidente Dilma, que é representada imageticamente pelo jornal com um ideal de mulher, que defende o direito à reprodução, mas não à possibilidade de aborto, trabalho, condições igualitárias sociais, etc. No título "José Manuel Durão" o presidente da CEI se isenta e, ao mesmo tempo, isenta a Europa de uma "culpa" pelo enfraquecimento do documento final, tão criticado. Esta culpa, é delegada ao governo brasileiro.

H1 | SÁBADO, 23 DE JUNHO DE 2012 O ESTADO DE S. PAULO

Vida/

PLANETA Rio+20

estadão.com.br/planeta

Rejeitada
Sem ver Dilma, Hillary cobra direitos das mulheres
Pág. H4

Kari-Oca
Morte de índio interrompe festas em acampamento
Pág. H7

Arte vinda do lixo
Obra do artista plástico Vik Muniz, finalizada e montada com lixo doado por milhares de voluntários, foi exposta durante a Cúpula dos Povos, no Aterro do Flamengo, na zona sul do Rio de Janeiro

Documento fraco e decepção marcam último dia da Rio+20

Dilma fecha conferência que avançou **pouco** no que havia se proposto, com **críticas** de ONGs e **conformismo** dos países

A Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, terminou ontem com um sentimento de frustração por parte da sociedade civil e de conformismo dos representantes dos 193 países da ONU por causa do teor da declaração final, aprovada às 9h20.

O documento, intitulado de *O Futuro que Queremos* – e apelidado de *O Futuro que Teremos*, ou *O Futuro que Não Queremos*, por organizações ecologiste governamentais –, não estipula metas numéricas e, por essa razão, foi considerado fraco e sem ambição. Até a ministra brasileira do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, criticou a falta de clareza em alguns itens da declaração final.

Parte dessa frustração se devia ao próprio modelo das conferências da ONU, cujo texto final sempre deve ser aprovado por consenso. Como havia vários pontos em que um embate entre países ricos e em desenvolvimento era inevitável, optou-se por um documento que apenas refletiria o que todos concordavam.

Assim, ao longo dos nove dias da conferência, os países renovaram compromissos anteriores que não haviam saído do papel, como a redução da pobreza em países em desenvolvimento e a redução das emissões de gases de efeito estufa, responsáveis pelo aquecimento global.

Nada de novo foi criado. Combinou-se no Riocentro que uma nova agenda mundial do desenvolvimento sustentável deverá ser apresentada até 2015. Na prática, empurrou-se para frente qualquer meta mais ambiciosa.

O texto final foi costurado e fechado pelo Brasil na madrugada de terça-feira, após uma longa sequência de negociações pouco produtivas sobre pontos críticos, como a definição de economia verde e as garantias de ajuda financeira dos países ricos para apoiar o desenvolvimento sustentável de países pobres.

A estratégia brasileira de fechar o documento antes da reunião de chefes de Estado eliminou qualquer chance de aperfeiçoamento do texto. Assim, numa cerimônia inicosa, a Rio+20 terminou com certeza de que foi perdida uma oportunidade de se discutir e avançar no que a Rio+20 havia se proposto.

Figura 7- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 23/06/2012

“Documento fraco e decepção marcam o último dia da Rio+20”, é a manchete publicada no dia 23 de junho de 2012. A linha de apoio comunica: “Dilma fecha a conferência que avançou pouco no que havia se proposto, com crítica das ONGs e conformismo dos países”. Esta manchete e linha de apoio contradizem as anteriores, pois nos deixa com a sensação de que o documento fraco é resultado das críticas das ONGs e conformismo dos países. Entretanto as outras manchetes nos dizem que as ONGs e a comissão européia foram contra a falta de ambição no “documento fraco”, intitulado como o “Futuro Que Queremos” e que o governo brasileiro defendia o documento. Esta manchete também nos dá a impressão que a presidente Dilma não teve parte nas decisões da conferência, pois é representada na linha de apoio como alguém que somente fechou a conferência, sendo significada de modo separado das decisões dos outros países, que segundo o jornal, aparecem como “conformados”. A representação das ONGs nos deixam com a impressão de que estas só “criticaram” e o jornal parece não levar em consideração os manifestos e soluções apontadas por estes movimentos em muitos de seus eventos.

O título “Rejeitada” traz na ilustração a foto da secretária de Estado dos Estados Unidos, Hillary Clinton. A linha de apoio aponta: “Sem ver Dilma, Hillary cobra direitos das mulheres”. A notícia informa que a secretária foi “rejeitada” por Dilma, que se recusou em recebê-la por esta não ser Chefe de Estado. A secretária fez um discurso no Rio Centro em que elogiou o documento “O futuro Que Queremos”, mas criticou a ausência dos direitos das mulheres em decidir se querem ter filhos e quando. A notícia comunica que a menção sobre os direitos reprodutivos das mulheres, que fazia parte dos rascunhos iniciais, foi retirada por pressão do vaticano.

A chamada “Kario-Oca” tem como linha de apoio “Morte de índio interrompe festas em acampamento”. A ilustração traz a foto de pessoas olhando para uma ambulância da cidade do Rio de Janeiro. A notícia conta que 420 representantes de 20 etnias preparavam uma cerimônia cultural, intitulada “cerimônia do fogo” para encerrar a Rio+20. Segundo o coordenador da aldeia Kari-Oca, Marcos Terena, a cerimônia seria feita sem qualquer festividade, mas depois que ocorreu a morte do professor Ismael, a programação foi desmontada.

“Arte vinda do lixo” é o título da chamada ilustrada com a foto central da primeira página. Tem como linha de apoio: “Obra do artista plástico Vik Muniz, finalizada e montada com lixo doado por milhares de voluntários, foi exposta durante a cúpula dos Povos, no Aterro do

Flamengo, na zona Sul do Rio de Janeiro". A ilustração traz uma foto da obra, nela foi construída uma paisagem, na qual se vê uma ilha, circundada pelo mar, com uma faixa de areia, montanhas e uma faixa de grama. Duas crianças aparecem na foto arrumando garrafas pet. A obra foi feita com latas, garrafas pet, embalagens, baldes, etc. No interior do jornal não há mais notícias sobre a obra ou sobre as pessoas que ajudaram na montagem.

A manchete desta capa posiciona a rio+20 como um desperdício de tempo, dinheiro, mobilidade, etc. É como se o evento não tivesse gerado nada, foi uma "decepção". Além de silenciar as ONGs, manifestações, documentos, etc. que foram lançados e discutidos mundialmente. A imagem central de capa mostra que muitos objetos que jogamos fora podem ser reutilizados, tais como garrafa pet, pneus, latas, potes, etc. Nesta foto eles ensinam que estes objetos podem ser reutilizados para fazer trabalhos artísticos, como as obras de Vik Muniz.

Vida/

PLANETA Rio+20

estadao.com.br/planeta

Estratégia
ONGs fecham negócios durante conferência
Pág. H5

Ataque e defesa
Índios adotam estratégias diferentes na conferência
Pág. H6

O papel do consumidor
O consumidor é o primeiro obstáculo para que a sociedade alcance um padrão de consumo sustentável. Na declaração final da Rio+20, países encampam iniciativas para mudar suas formas de produzir e de consumir. Pág. HD2

EDUCAR PARA VER UM MUNDO MELHOR

Rio+20 joga para o futuro ações para salvar o mundo

- Documento **fraco**, que reflete esgotamento do modelo de cúpula da ONU que exige **consenso**, empurra metas para **2015**

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, terminou na sexta-feira deixando um rastro de críticas das organizações não governamentais – que consideram o documento final pouco ambicioso – e um legado que só deverá mostrar resultados a partir de 2015.

Em sua maior parte, o documento "reafirma" compromissos de conferências anteriores. Entre eles, os princípios da Eco-92. Um resultado comemorado pelo Brasil, visto que havia pressão para rever alguns desses princípios – em especial, o das "responsabilidades comuns, porém diferenciadas", segundo o qual os países ricos se comprometem a transferir recursos para os mais pobres investirem no desenvolvimento sustentável.

Mas a declaração final, intitulada O *Futuro que Queremos*, deixou no ar uma certa frustração. Reafirmar o que já foi acordado 20 anos atrás deveria ser o ponto de partida da conferência, não uma de suas principais conquistas.

O resultado mais concreto da Rio+20 só vai começar a aparecer em 2015, depois do fim do mandato da presidente Dilma Rousseff. Daqui a três anos, as Nações Unidas deverão apresentar metas de desenvolvimento sustentável a serem perseguidas por todos os países, assim como a origem do dinheiro para ajudar os países mais pobres a cumprirem os chamados Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

A pergunta que fica é por que foi convocada uma conferência de alto nível para jogar qualquer decisão para frente. Parte da resposta se deve ao modelo das conferências de cúpula da ONU, cujo documento final exige sempre aprovação por consenso. Basta um dos 193 países da ONU não aceitar um parágrafo para gerar o impasse. Por isso, fechar o texto final exige negociações complexas e demoradas.

A estratégia brasileira, diante do possível impasse, foi costurar um texto-base que não ameaçasse o resultado final da conferência. Isso implicaria evitar temas polêmicos e metas numéricas. Embora a diplomacia brasileira, responsável pelo comando das negociações, tenha sido elogiada, ONGs e até algumas delegações estrangeiras criticaram a pressa do País em fechar o texto antes da reunião dos chefes de Estado e de governo, nos últimos três dias da Rio+20. A avaliação é que as negociações chegaram ao limite – e a opção foi por evitar qualquer risco.

Negociadores brasileiros recusaram que se frustrarem pela Rio+20 não ter conseguido obter um texto-base que não ameaçasse o resultado final da conferência. Falhou consenso em relação a uso, sobretudo pela dificuldade em discutir compromissos em relação à redução das emissões de gases de efeito estufa.

No jargão diplomático, a presidente Dilma Rousseff afirmou que a Rio+20 é uma conferência de partida, ou seja, que lança processos para que alguns assuntos – como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – sejam tratados ao longo dos próximos anos. Mas é sempre bom lembrar que a pré-pela Eco-92 também foi em si uma conferência de partida, ao criar convenções para discutir questões como mudanças climáticas e biodiversidade. Dela praticamente nada se concretizou até hoje, e sobre isso ninguém tem nem coragem de dizer nada em contrário.

Em meio ao clima de frustração, no último dia da conferência foi anunciado que a Rio+20 rendeu cerca de 700 compromissos voluntários entre ONGs, empresas, governos e universidades. Isso significa um investimento de US$ 513 bilhões para ações de desenvolvimento sustentável nos próximos dez anos. Foi talvez, o melhor resultado da conferência.

Figura 8- Capa do caderno Planeta Rio+20, publicado no dia 24/06/2012

Na manchete do dia 24 de Junho, “Rio+20 joga para o futuro ações para salvar o mundo”, o jornal dá margem para a pergunta: O mundo precisa ser salvo? Ao fazer uma retrospectiva da história geológica não parece que este seja frágil. A linha de apoio informa: “Documento fraco, que reflete esgotamento do modelo de cúpula da ONU que exige consenso, empurra metas para 2015”. A linha de apoio apresenta um culpado para o documento fraco: o “modelo de cúpula da ONU”. É impróprio que a ONU exija consenso entre os países? Ou seria o governo dos países que participaram da conferência, os quais não tiveram a preocupação em entrar em concordância de idéias, ficando afundados em suas ideologias patrióticas?

A chamada “Estratégia” tem na linha de apoio “ONGs fecham negócios durante a conferência”. Na ilustração, a foto de pessoas reunidas em uma tenda. A notícia comunica que ONGs e empresas, “além de partilhar experiências e discutir práticas sustentáveis”, firmaram parcerias mundiais, movimentando dinheiro e criando projetos de restauração ambiental.

“Ataque e defesa” é o título da chamada, que traz na linha de apoio: “Índios adotam estratégias diferentes na conferência”. A notícia nos conta que indígenas foram as ruas com suas vestimentas e flechas, para protestar conta a destruição da natureza. A dúvida que ficou ao ler a chamada é se o jornal considerou como “ataque” a agressão contra os bens naturais e “defesa” a manifestação destas pessoas.

A foto central da primeira página intitula-se: “O papel do consumidor”, tem como linha de apoio: “O consumidor é o primeiro obstáculo para que a sociedade alcance um padrão de consumo sustentável. Na declaração final da Rio+20, países encampam iniciativas para mudar suas formas de produzir e de consumir”. Esta chamada e linha de apoio apresentam o “obstáculo”, ou seja, o empecilho para a sustentabilidade, o “consumidor”, dando margem para algumas perguntas: São os consumidores que idealizam perspectivas de progresso? São os consumidores que inundam a mídia com propagandas de produtos que prometem felicidade? Talvez o “obstáculo” que nós, consumidores, temos que transcender para alcançar um padrão de consumo sustentável é a de procurar saber como são produzidas as mercadorias que trazemos para casa. Também procurar não nos deixar levar por anúncios e promessas, devemos ter a responsabilidade de não considerar como verdade o que sai nas manchetes midiáticas, também devemos voltar o nosso olhar crítico para os governantes que pensam decidir nossas vidas em páginas de documentos, sem o nosso

consentimento, e ter coragem de cobrar em nossas ações do cotidiano o cumprimento das promessas que nos fizeram, esse é o “obstáculo”, que acredito que deve ser superado.

A ilustração traz a foto de um manifestante, que segura um cartaz no qual está escrito a mensagem “Educar para ver um mundo melhor”, também tem desenhado o planeta terra e uma abertura, na qual se pode ver o olhar do manifestante.

O que esta capa nos ensina sobre o meio ambiente é que a esperança em reverter à situação de degradação e exploração dos recursos naturais está depositada na educação. Também direciona nossa atenção para a idéia de que o consumo regula a produção, relegando às ações individuais um grande peso, pois o marketing, uma das ciências mais desenvolvidas na atualidade, se debruça exatamente para que a produção determine o que você deve consumir, criando-se para isso, desejos e necessidades antes, não existentes. Desta maneira, interpreto que o jornal ensina que cabe ao consumidor a responsabilidade de exigir um padrão de produtos sustentáveis, pois as autoridades políticas pretendem fazer isso no “futuro”.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Entre inocentes e culpados, bons e maus exemplos, a Rio+20 aconteceu e movimentou muitas idéias e interesse pelas questões ambientais. Não é possível ter a exata dimensão do que aconteceu durante o evento através das páginas do jornal, pois este noticia apenas fragmentos da conferência. Desta forma, faço alguns apontamentos quanto à disposição das chamadas, manchetes e significações de algumas pedagogias presentes nos discursos.

Em todas as capas o meio ambiente foi ensinado com a idéia de participação ativa do homem, através de suas relações políticas, econômicas, culturais e sociais. Segundo as categorias tipológicas descritas na metodologia, as capas representaram o meio ambiente como: "problema", "lugar para viver", e "projeto comunitário. Na mesma capa pode-se identificar mais de um tipo de representação. Assim selecionei alguns exemplos: Na legenda "Ameaça mortal" publicada no dia 17 de junho, a representação pode ser categorizada Como "problema", pois discursa sobre as ameaças sofridas pelo planeta e a degradação ambiental; O titulo "Cartaz Humano" publicado no dia 20 de junho, representa o meio ambiente através de aspectos culturais e históricos, pois fala sobre a cultura indígena, sobre manifestações podendo ser classificado como "lugar para viver"; O subtítulo "Discurso na cúpula vai pedir compromisso de ação imediata para combater a pobreza, apesar de crise econômica", representa o meio ambiente nos seus aspectos políticos e sociais, podendo ser categorizado como "projeto comunitário".

A quantidade das representações dos eventos oficiais e eventos da sociedade civil nas primeiras páginas dos cadernos pode ser considerada imparcial, pois cada capa trouxe duas notícias dos eventos que ocorreram no Rio Centro e duas notícias dos eventos ocorridos no Aterro do Flamengo. As formas de narração das duas programações é que foram muito diferentes. Os discursos para representar os eventos programados pela Cúpula dos Povos não tinham exigências, não tinham "voz".

As manchetes ficaram centralizadas na revisão e reformulação do documento "O futuro Que queremos". Na manchete do dia 23 de junho é possível perceber a identidade nacional do jornalista enunciador que sinaliza os outros países como uns "conformados" e assim culpados pelo "fraco documento", demonstrando que representação e identidade estão relacionadas. As ONGs tiveram pouco espaço nas manchetes,

sendo representadas apenas como organizações que desaprovaram os acordos nos documentos.

As chamadas que foram representadas nas grandes e centrais imagens que referenciaram os eventos da Cúpula dos Povos, informaram sobre algumas das várias manifestações organizadas pela sociedade civil. Na maioria destes títulos, subtítulos e ilustrações, as manifestações foram descritas como atos festivos, debates foram considerados atrações, e participantes foram rotulados como turistas. As fotos e suas legendas ficaram quase que exclusivamente centralizadas nas fantasias e comportamentos, dando-nos a impressão de que as chamadas serviram apenas para a estética do jornal. As chamadas nem sempre estavam relacionadas com as imagens ilustrativas, como acontece na chamada do dia 24 de Junho "O papel do consumidor", ilustrada com a foto de um menino, participante de um manifesto que não foi enunciado na chamada e linha de apoio.

Os títulos dispostos na margem superior da primeira página são ilustradas com fotos pequenas e ficaram, na maioria dos dias divididas, entre representações dos eventos acontecidos no Rio Centro e eventos organizados pela Cúpula dos Povos. Estas chamadas, em sua maioria, classificaram ações e comportamentos como bons ou maus e em alguns momentos fizeram a rotulação de pessoas, como é o caso da chamada do dia 23 de junho, que apresenta Hillary Clinton, secretária de Estado dos Estados Unidos, como "Rejeitada". Na chamada "Mau exemplo", do dia 19 de junho, o jornal usou a foto de um homem na ilustração, sendo que a notícia era sobre o descarte de lixo nas cidades.

Olhando apenas a primeira página dos oito cadernos, é possível perceber que o jornal naturalizou uma desigualdade, ao considerar os eventos que ocorreram no Rio Centro como sérios e as ações políticas organizadas pela Cúpula dos Povos como distração. Naturalizar, segundo Mary Jane Spink e Peter Spink (2006, p.8), "é tratar algo como normal, como dado e como parte do dia-a-dia, tão óbvio quanto ao sol da manhã e a chuva da tarde." Nota-se também, que a falta de concordância entre os governos dos países que participaram da conferência é tratada com naturalidade. Este fato é descrito com naturalidade em muitas manchetes, principalmente na linha de apoio da manchete do dia 24 de junho, na qual afirmam: "Documento fraco, que reflete esgotamento do modelo de cúpula da ONU que exige consenso, empurra metas para 2015".

É importante destacar que esta pesquisa não tem intenção de se posicionar contra ou favor de nenhum governo, nem encontrar culpados

nas políticas públicas, mas acredito que enquanto nos dividirmos em raças, etnias, nacionalidades etc. não conseguiremos começar a resolver problemas que são globais, como é o caso da pobreza extrema em que vivem muitas pessoas. “Nossas desigualdades permanecem como tal porque são, para todos os efeitos, naturalizadas, tornadas normais e não problemáticas” (SPINK, 2006, p.8). Seria importante que nestes momentos em que se tem a oportunidade de reunir autoridades do mundo inteiro, fosse considerado que antes de sermos seres culturais, marcados por identidades nacionais, somos seres naturais, o que nos confere primeiramente uma identidade planetária.

Este trabalho finaliza com a perspectiva de que chegar ao fim é também reiniciar. O caráter inacabado desse evento, também dá-nos a ideia de que as discussões, ações e entendimentos sobre o meio em que vivemos, irão continuar e o futuro é desconhecido, pois só sabemos do nosso agora, que é uma construção assinada por cada um de nós.

O trabalho, em seu conjunto, argumenta que o jornal pode ser pensado em suas narrativas e imagens como uma estratégia pedagógica, a ser utilizado como uma ferramenta do pensamento que movimenta e dispara maneiras de pensar o ambiente, em seus aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, naturais, etc. O uso desse artefato em trabalhos educativos pode movimentar outras maneiras de compreender o meio vivido, o que nesse trabalho é entendido como educação ambiental.

REFERÊNCIAS

ANDI – Comunicação e Direitos. Mudanças Climáticas. Informações e reflexões para um jornalismo contextualizado. **C40 une as grandes cidades**. Disponível em < http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/163?page=0,2> Acesso dia 15/07/2013.

CFSC- Comitê Facilitador da Sociedade Civil Brasileira para a Rio+20. Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental, contra a mercantilização da vida e em defesa dos bens comuns. **Glossário - Cúpula dos Povos.** Disponível em < http://cupuladospovos.org.br/cupula-dos-povos/glossario/ > Acesso dia 15/07/2013

CFSC- Comitê Facilitador da Sociedade Civil Brasileira. Documentos Finais da Cúpula dos Povos na Rio + 20 por justiça social e ambiental (2012). **Declaração final**. Disponível em: < http://cupuladospovos.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Declaracao-final-PORT.pdf>. Acesso dia 28/10/2012

CFSC - Comitê Facilitador da Sociedade Civil Brasileira. Cúpula dos povos na rio+20 por justiça social e ambiental (2012**). Três eixos da cúpula.** Disponível em: http://cupuladospovos.org.br/os-tres-eixos-da-cupula/. Acesso dia 28/10/2012.

CNUDS- Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20). **Rio+20: Saiba quais temas serão debatidos na Conferência**. Disponível em < http://www.onu.org.br/rio20/temas/> Acesso dia 15/07/2013

CNUDS- Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20). **O futuro que queremos.** Tradução Comitê Facilitador da Sociedade Civil Catarinense. < http://riomais20sc.ufsc.br/files/2012/07/O-Futuro-que-queremos1.pdf >. Acesso dia 20/10/2012.

FISCHER, R. M. B. 1996. **A paixão de "trabalhar com" Foucault.** In: M. V., COSTA (org.), Caminhos Investigativos. Porto Alegre, Mediação.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **A importância da História e da cultura nas leituras da natureza.** Revista da Faculdade de Educação UFG Capa < v. 33, n. 1 (2008) Disponível em < http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/4244> Acesso dia 03/11/2012.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso, Janice Zanco, Gabriele Nigra Salgado e Sara Melo. **Tecendo educação ambiental e estudos culturais**. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6219/4565 > Acesso dia 26/02/2013.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso, Suzani Cassini de Souza. **Tópicos especiais em Educação e Biologia**. – 1. Ed. E.; 1. Reimp.- Florianópolis: Biologia/ EAD/ UFSC,2009.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Dinsponível em: www.ufrgs.br/neccso/word/texto_stuart_centralidadecultura.doc Acesso dia 17/11/2012

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed.; 1. Reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

Spink,P.K. (Org.) ; SPINK, M J (Org.) **. Práticas Cotidianas e a Naturalização da Desigualdade: Uma semana de notícias nos jornais.** São Paulo: Editora Cortez, 2006. 213p.

NETO, S Silvestre Manoel Ferreira. M. F.2008. **Aquecimento Global: Pedagogias em notícias.** Disponível em: <http://www.cienciasbiologicas.ufsc.br/TCC-BIOLOGIA-UFSC/TCCSilvestreMFerreiraNetoBioUFSC-08-1.pdf> Acesso dia 19/09/2012.

OPSI - Observatório de Participação Social Internacional. **ONU Mulheres.** Disponível em < http://opsi.gid-ufs.org/?page_id=144> Acesso dia 15/07/2013.

PREVE, Ana Maria Hoepers... [et al.] (Organizadores) –. **Ecologias inventivas: conversas sobre educação**. Provocações para este tempo... a educação ambiental e os atravessamentos midiáticos. Paula Corrêa Henning. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. 372 p.

PNUMA. O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. **Relatório Economia Verde** – Síntese PNUMA. Disponível em: http://www.pnuma.org.br/admin/publicacoes/texto/1101-GREENECONOMY-synthesis_PT_online.pdf> Acesso dia 20/10/2012.

RAMOS, L. Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: AnnabluMe/FAPESP, 1995.

RAMOS, Mariana Brasil. R147n "Na pauta das aulas de Ciências : discussão de controvérsias científicas na televisão" / Mariana Brasil Ramos-- Campinas,SP.: [s.n.], 2010. Disponível em < http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000773891>. Acesso dia 15/07/2013.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. Ed. Revista e ampliada – São Paulo: Brasiliense, 2009. Coleção primeiros passos; 292.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**; prefácio de Nilda Alves. São Paulo: Cortez, 1995. Questões da nossa época; v. 41.

SALGADO, Gabriele Nigra. **Percepção Ambiental das/os participantes do Projeto Brotar (Microbacia do Córrego da Água Quente, São Carlos/SP) como subsídio à Educação Ambiental.** Universidade Federal de São Carlos. Departamento de Hidrobiologia – dhb/ccbs. são Paulo, 1998

SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: uma análise complexa1**. Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/educacao_ambiental_e_desenvolvim.html> Acesso dia 15/07/2013.

SCOTTO, Gabriela, Isabel Cristina de Moura Carvalho, Leandro Belinaso Guimarães. **Desenvolvimento sustentável**. 6. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TRIGUEIRO, André. **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Investigação e Educação Ambiental – uma abordagem centrada nos processos de construção cultural da natureza**. EDUCAÇÃO: Teoria e Prática- vol. 9, nº 16, jan. – jun. – 2011 e nº 17, jul-dez – 2011. UNESP – Campus Rio Claro.